



ORIENTE MÉDIO

As urnas pautam a guerra

Ambos com eleições legislativas decisivas no horizonte imediato, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, calculam em votos a estratégia a ser usada para o conflito com o Irã

» SILVIO QUEIROZ

Dois campanhas eleitorais em reta final fazem rondar novamente o Oriente Médio a sombra de uma retomada das hostilidades em larga escala na guerra que opõe Estados Unidos e Israel ao Irã. Pressionado pela ausência de resultados militares visíveis, após quase oito meses, Donald Trump volta a acenar com ameaças à República Islâmica. O premiê Benjamin Netanyahu, em risco de perder o cargo na votação desta terça-feira, teria chegado a apresentar ao aliado um plano concreto de ataque, vetado pela Casa Branca.

“Poderíamos acabar com isso (o conflito) muito rapidamente”, disse o presidente dos EUA no final da semana. “A questão”, ponderou, “é se queremos dar o golpe final ou se deixamos a situação se arrastar”. De concreto, ele deslocou para a região mais um porta-aviões — o terceiro —, com o respectivo grupo de combate. E acenou com o envio de mais uma unidade expedicionária dos fuzileiros navais.

Netanyahu recebeu nos últimos dias o secretário norte-americano de Defesa (ou “de Guerra”, como prefere Trump), Pete Hegseth. Paralelamente, fontes citadas na imprensa internacional mencionaram voos da aviação israelense para os limites do espaço aéreo iraniano, como parte de exercícios conjuntos com as forças dos EUA.

“Poderíamos ter um ataque nos próximos dias? Com certeza”, respondeu a um podcast o embaixador norte-americano na Turquia, Tom Barrack. Suzanne Maloney, diretora do programa de política externa da Brookings Institution, prefere a cautela: aposta em bombardeios “pouco depois das eleições legislativas”, em 3 de novembro.

Em entrevista ao **Correio**, Gunther Rudzit, professor de relações internacionais da ESPM, lembra que Trump tem evitado a escalada com o Irã antes de uma eleição em que estarão em perigo as maiorias governistas na Câmara e no Senado. “Estados Unidos e Israel desenvolveram planos para uma ofensiva, o que

GPO/AFP



Benjamin Netanyahu (E) com Donald Trump (D) no Salão Oval da Casa Branca: líderes esboçam planos para lidar como regime de Teerã

US Navy/AFP



Destroier americano cerca petroleiro iraniano no Estreito de Ormuz

demonstra que não se trata apenas de retórica eleitoral”, assinala. “Mas precisamos distinguir a preparação militar da decisão política de atacar.”

“Ao anunciar um provável ataque ao Irã, Trump volta a utilizar a guerra como instrumento para

tirar parte da atenção do eleitorado sobre a situação doméstica”, analisa Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da UnB. Ele lembra que Netanyahu, por sua vez, “está empatado tecnicamente com a oposição, a

Eu acho...

“A declaração de Trump, apoiada por Netanyahu, de que podem retomar os ataques contra o Irã, de certa forma, é um paradoxo, porque essa guerra aumentou a impopularidade de Trump. Faltando poucos dias para a eleição, ele deveria se voltar mais para aquilo que afeta mais diretamente a população: a inflação, o custo de vida, o aumento das tarifas da energia, do diesel. Enfim, a agenda doméstica, que define a eleição, em grande parte. O que nós temos no horizonte leva a crer que vai ser uma derrota de Trump, tanto na Câmara quanto no Senado.”

Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da UnB

Arquivo pessoal



situação dele é muito difícil, também, por isso insiste que só ele pode ‘combater o terrorismo’”.

O professor da ESPM avalia que, do ponto de vista estritamente militar, EUA e Israel “continuam em condições de realizar uma campanha aérea de grande

intensidade contra Irã”. Ele observa, no entanto, que ambos “enfrentam um problema crescente com os estoques de armamentos, especialmente interceptadores de mísseis balísticos”. A incógnita, resume, “é a sustentabilidade de uma guerra prolongada”.

Assimetria

O especialista do Irel/UnB aponta outra variável que dificulta o equacionamento militar e político do conflito: a capacidade, demonstrada pelo Irã, de comprometer o fluxo de petróleo pelo estreito de Ormuz e atingir alvos em países vizinhos aliados aos EUA. Além dos danos sofridos por instalações militares, Menezes cita o custo econômico dos bombardeios iranianos contra aeroportos e a infraestrutura petrolífera. “Isso também dificulta o apoio desses países aos EUA”, ressalta. “A pressão deles sobre Washington tem sido muito grande.”

A abordagem assimétrica do conflito tem sido, na leitura de Rudzit, a aposta estratégica da República Islâmica para sobreviver ao poderio militar de EUA e Israel, claramente superior, em termos convencionais. “O objetivo do Irã não precisa ser derrotar as forças norte-americanas, mas elevar o custo militar, econômico e político da sua presença na região.”

Equação do voto

O cálculo eleitoral, em Washington como em Israel, baliza as decisões sobre o cenário de guerra, afirma o titular do Irel/UnB, mas ele aponta um “paradoxo” nos acenos da Casa Branca a uma retomada dos ataques em escala. “É difícil imaginar qual pode ser o dividendo para o republicano Donald Trump, se ele não os obteve em sete meses”, afirma Menezes. “Trump corre contra o tempo para, primeiro, minimizar os danos eleitorais. A se confirmar a derrota do Partido Republicano na Câmara e no Senado, ele terá ainda mais dificuldades para levar adiante sua aventura no Irã.”

Rudzit, da ESPM, considera o cálculo eleitoral “muito complicado” para ambos os líderes. O resultado político de uma ofensiva “dependeria não apenas de sucessos militares imediatos, mas da duração do conflito e de seu custo para as respectivas sociedades”, explica. “Existe capacidade e preparação para novos ataques. Mas não, necessariamente, capacidade política para controlar as consequências.”

EUROPA

Centenas de milhares voltam a tomar as ruas da França

» RODRIGO CRAVEIRO

Pelo segundo sábado consecutivo, centenas de milhares de manifestantes tomaram as ruas da capital da França em um ato contra o custo de vida alto no país. Sob clima de tensão, o protesto foi marcado por choques esporádicos com as forças de segurança. Ao contrário do ato anterior, não houve registro de vandalismo. Entre as demandas dos ativistas, que fizeram críticas ao presidente Emmanuel Macron (centro-direita), estão medidas para responder à queda no poder aquisitivo e a melhoria das condições de ensino para os estudantes do ensino médio.

Durante a semana, o próprio Macron acusou a extrema-esquerda de tentar derrubar a República. Mais de 70 mil policiais foram destacados para vigiar a manifestação em Paris. As autoridades estimam em 110 mil o número de ativistas nas ruas da capital, segundo a prefeitura, enquanto a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) citou 250 mil. Também houve marchas em Nantes, Bordeaux, Toulon e Rennes. Em todo o país, cerca de mil manifestantes foram detidos.

Para Yves Sintomer, professor de ciência política da Universidade

Paris 8, a manifestação deste sábado foi muito importante por se contrastar com a de 17 de outubro. “Naquele protesto, a repressão policial mostrou-se muito dura, e o discurso do governo era muito inquietante, quase que de emergência e de deslegitimação do ato. O protesto de hoje (ontem) representa um desafio para o governo Macron, pois demonstra que uma manifestação forte, necessariamente, não é violenta. No próximo sábado, haverá uma nova concentração popular, um outro teste para ver a força do movimento. No entanto, a prova mais importante será a greve geral de 5 de novembro, convocada pela Confederação Geral dos Trabalhadores e pelos estudantes”, disse ao **Correio**.

“Se a paralisação for mais forte, o governo terá que responder às manifestações. Tarefa muito difícil, pois o governo é fraco, conta com pouca legitimidade, e enfrenta uma crise financeira. É um período de incerteza”, acrescentou Sintomer.

Distinção

Jean-Yves Camus — cientista político da Fundação Jean Jaurès (em Paris) — admitiu que os protestos de ontem foram mais pacíficos. “É preciso distinguir entre os manifestantes

genuínos, que respeitaram a lei, e os vândalos do grupo anarquista ‘Black Bloc, que entraram em choque com a polícia, ao fim da manifestação em Paris”, disse à reportagem. Segundo Camus, saques foram registrados em Marselha, mas em número bem menor do que no sábado passado. “Resta saber se o movimento está se fortalecendo, uma vez que o número de manifestações em todo o país diminuiu.”

Professor da Universidade de Reims e especialista em história do comunismo e do anarquismo, Sylvain Boulouque afirmou ao **Correio** que o movimento ganha fôlego a longo prazo e traz à tona um tema persistente: o dos salários, especialmente para as classes populares e para os funcionários públicos. “É difícil prever se o movimento irá se expandir ou não.”

Boulouque reconhece que os protestos são um desafio para Macron. “Uma parcela crescente dos manifestantes rompeu com a autoridade constituída; o número de pessoas envolvidas em distúrbios está aumentando”, observou. “Ao mesmo tempo, o Estado se depara com agitação social que exige aumentos salariais — justamente quando enfrenta uma grave crise orçamentária, enquanto, no setor privado, os empresários se recusam a elevar os salários.

Aris Messinis/AFP



Ativista segura bandeira francesa enquanto se protege de canhão d’água durante protesto na capital

Eu acho...

“O desafio é grande, não apenas para o governo Macron, mas para o próprio presidente, já que são as suas ações que estão sendo rejeitadas. Os protestos começaram com os estudantes, mas o descontentamento é muito mais amplo. Faltam seis meses para a eleição, ele não conta com maioria no Parlamento e há um orçamento que precisa ser votado antes do fim do ano. O país nunca esteve tão polarizado.”

Jean-Yves Camus, cientista político da Fundação Jean Jaurès (em Paris)

Arquivo pessoal

